

# A FAMÍLIA E A POLÍTICA: BREVE ESTUDO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES E OS LIMITES DA TEORIA FREUDIANA

MARINA SANTOS DE CASTRO<sup>1</sup>

**RESUMO:** A experiência clínica de Freud desvelou desde o princípio a influência da dinâmica familiar na constituição do psiquismo. A mãe, como primeiro objeto de amor, e a ambivalência emocional da criança para com pai revelam a importância da dinâmica entre desejo, identidade e agressividade no processo de formação do eu. O que os ocupantes das funções parentais fornecem não são apenas técnicas de sobrevivência ou auxílio para o desenvolvimento instintual; mas além, transferem para a criança padrões inconscientes de comportamento e afetividade, inserindo o bebê no mundo simbólico e libidinando sua vida biológica. A família pode ser compreendida, portanto, como um órgão privilegiado de transmissão da cultura na sociedade, estabelecendo uma continuidade entre gerações que vai além dos laços biológicos, sendo essencialmente uma continuidade psíquica. O impacto significativo da descoberta levou Freud a aplicar a psicanálise também em pesquisas no campo social. Em obras como "*Totem e Tabu*", "*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*", "*O Futuro de uma Ilusão*", "*O Mal-Estar na Civilização*" e "*Moisés e o Monoteísmo*", Freud apresenta a família como um elemento fundamental para a compreensão da vida política e social humana. Veremos brevemente como o autor articula família e política em uma história que vai, por meio do complexo de Édipo, da horda ao Estado. O objetivo é demonstrar como Freud desenha uma história do desenvolvimento cultural a partir do desenvolvimento libidinal do indivíduo, apresentando a política como um fenômeno secundário que reflete o conflito primordial entre pai e filho, fundamentando problemas políticos de autoridade e dominação na dinâmica familiar. Em igual potência, o autor nos ajuda a compreender os processos subjetivos ligados ao desenvolvimento da civilização capitalista e desvela o papel da ordem patriarcal no adoecimento psíquico moderno e contemporâneo. Utilizaremos também as contribuições de Mark Poster, John Brenkman, Carole Pateman e Robert Kurz.

**Palavras-chave:** Complexo de Édipo; Família; Freud; Política; Psicanálise.

## Introdução

Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. Se as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio são com ela disputados por outros grupos sociais, a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua acertadamente chamada de materna. Com

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio. scastromarina@gmail.com. Link para currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7477136848347278>

isso ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico, preside esta organização das emoções segundo tipos condicionados pelo meio ambiente, que é a base dos sentimentos, segundo Shand; mais amplamente, ela transmite estruturas de comportamentos e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência.<sup>2</sup>

A afirmação feita por Lacan no texto "*Os Complexos Familiares*", de 1938, de que a família é o órgão privilegiado de transmissão da cultura, é o resultado direto e inequívoco do papel desempenhado pela família ao longo dos diversos momentos do pensamento de Freud. Isso pode ser observado desde sua investigação pré-psicanalítica, especialmente em "*Projeto para uma Psicologia Científica*" (1895), até seu último trabalho, "*Moisés e o Monoteísmo*" (1939). O esforço em compreender a função política e social da família não é uma contribuição inédita e exclusiva da psicanálise –basta lembramos do texto revolucionário de Friedrich Engels, "*A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*", de 1884. No entanto, as obras de Freud nos auxiliam a refletir de forma efetiva sobre os meios pelos quais a família se tornou um componente estruturante, não apenas do psiquismo humano, mas também das diversas formas de organização social ao longo da história da civilização.

Na teoria freudiana, a família é responsável por etapas fundamentais da estruturação psíquica do sujeito, como evidenciado nos exemplos a seguir:

- a) A família introduz o recém-nascido no território da linguagem, ou ainda, no universo simbólico, transformando suas respostas motoras inconscientes, como o choro ou os movimentos dos membros, em vias de comunicação;<sup>3</sup>
- b) Através da amamentação, a mãe libidiniza a vida biológica do bebê, inserindo-o na série diferencial prazer-desprazer. Essa primeira experiência de satisfação se torna um modelo inconsciente de felicidade a ser perseguido pelo psiquismo na busca pelo prazer;<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Lacan, 2008, p. 9.

<sup>3</sup> Cf. Freud, 1895.

<sup>4</sup> Cf. Freud, 1895; 1905.

c) Além da amamentação, a mãe compartilha características de sua própria vida sexual com a criança por meio de beijos, carinhos e embalos, ensinando-a sobre o amor ao ocupar o papel de objeto do desejo que, além de nutrir, proporciona prazer sexual. Conforme o bebê desenvolve uma representação mais abrangente da imagem da mãe, o objeto de sua primeira satisfação (o seio materno), progressivamente se transforma no objeto de seu primeiro amor (a mãe). Freud argumenta que isso torna o paradigma de toda vida afetiva do filho;<sup>5</sup>

d) O amor dos pais e a projeção do narcisismo parental na criança possibilitam a formação de um eu ideal, ou seja, uma imagem psíquica idealizada de si mesmo, que é fundamental para a estruturação do ego. Nesse processo, o bebê forma a imagem de seu próprio corpo (através da descoberta do prazer proporcionado pelos órgãos) e a primeira ideia de si mesmo (por meio do eu ideal), ao mesmo tempo em que começa a desenvolver a capacidade de limitar seu próprio ego;<sup>6</sup>

e) É nesse momento que se inicia o trabalho psíquico da repressão, em que parte dos impulsos sexuais escapa à consciência. A internalização dessa repressão, impulsionada pelo medo da perda do amor dos pais e pelo complexo de castração, dá origem ao que chamamos na segunda tópica de superego.<sup>7</sup>

Ao escolher a mãe como seu primeiro objeto de amor, a criança começa a experimentar uma ambivalência emocional em relação ao pai. Enquanto o pai representa uma figura de proteção e cuidado, também se torna um rival, uma ameaça à satisfação de seu desejo mais fundamental: a mãe. Esse processo de desenvolvimento da vida sexual, seguido pela sua repressão, é imprescindível para a formação do ego e do superego, além de estabelecer o princípio de prazer e sua adequação ao princípio de realidade. Essas experiências formam o que chamamos de complexo de Édipo:

---

<sup>5</sup> Cf. Freud, 1905.

<sup>6</sup> Cf. Freud, 1923.

<sup>7</sup> Cf. Freud, 1940.

O primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta; a origem do amor está ligada à necessidade satisfeita de nutrição. Não há dúvida de que, inicialmente, a criança não distingue entre o seio e o seu próprio corpo; quando o seio tem de ser separado do corpo e deslocado para o “exterior”, porque a criança tão frequentemente o encontra ausente, ele carrega consigo, como um “objeto”, uma parte das catexias libidinais narcísicas originais. Este primeiro objeto é depois completado na pessoa da mãe da criança, que não apenas a alimenta, mas também cuida dela e, assim, desperta-lhe um certo número de outras sensações físicas, agradáveis e desagradáveis. Através dos cuidados com o corpo da criança, ela se torna seu primeiro sedutor. Nessas duas relações reside a raiz da importância única, sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores - para ambos os sexos. Em tudo isso, o fundamento filogenético leva tanto a melhor sobre a experiência acidental da pessoa, que não faz diferença que uma criança tenha realmente sugado o seio ou sido criada com mamadeira e nunca desfrutado da ternura do cuidado de uma mãe. (...)

O pai agora se torna um rival que se interpõe em seu caminho e de quem gostaria de livrar-se. Se, enquanto o pai está ausente, é permitido à criança partilhar do leito da mãe e se, quando ele volta, ela é mais uma vez afastada, a sua satisfação quando o pai desaparece e o seu desapontamento quando surge novamente são experiências profundamente sentidas. Este é o tema do complexo de Édipo que a lenda grega traduziu do mundo da fantasia de uma criança para a suposta realidade. Nas condições de nossa civilização, ele está invariavelmente fadado a um fim assustador.<sup>8</sup>

Para Freud, o complexo de Édipo se manifesta no final da fase pré-genital, precedendo o período de latência, que prepara o indivíduo para a saída do infantilismo. A resolução, mesmo que parcial, do complexo de Édipo representa o sucesso na internalização das normas culturais, a subordinação do princípio de prazer ao princípio de realidade e o estabelecimento das relações de identificação com o pai ou a mãe. Isso contribui para a separação entre o eu ideal e o eu real no desenvolvimento do que Freud chama de ideal do eu. Por esse motivo, na segunda tópica freudiana, o superego é considerado o herdeiro do complexo de Édipo. Isto é, uma instância psíquica com função interditora que possibilita um certo nível de conciliação entre o princípio de prazer e a internalização das normas culturais.

---

<sup>8</sup> Freud, 1940, p.122.

A instauração bitemporal do desenvolvimento sexual nos seres humanos, ou seja, sua interrupção pelo período de latência, pareceu-nos digna de uma atenção especial. Ela se afigura como uma das condições da aptidão do homem para o desenvolvimento de uma cultura superior, mas também de sua tendência à neurose. Ao que saibamos, nada de análogo é demonstrável entre os parentes animais do homem. A origem dessa peculiaridade humana deveria ser buscada na proto-história da espécie.<sup>9</sup>

E ainda:

(...) a pequena criatura primitiva deve transformar-se num ser humano civilizado; ela tem de atravessar um período imensamente longo de desenvolvimento cultural humano de uma forma abreviada de maneira quase misteriosa. Isso se torna possível pela disposição hereditária, mas quase nunca pode ser conseguido sem o auxílio adicional da educação, da influência parental, que, como precursora do superego, restringe a atividade do ego mediante proibições e punições, e incentiva ou força o estabelecimento de repressões. Não devemos, portanto, esquecer de incluir a influência da civilização entre os determinantes da neurose. É fácil, como podemos ver, a um bárbaro ser sadio; para um homem civilizado, a tarefa é árdua. O desejo de um ego poderoso e desinibido pode parecer-nos inteligível, mas, tal como nos é ensinado pelos tempos em que vivemos, ele é, no sentido mais profundo, hostil à civilização. E visto que as exigências da civilização são representadas pela educação familiar, não devemos esquecer o papel desempenhado por essa característica biológica da espécie humana – o prolongado período de sua dependência infantil – na etiologia das neuroses.<sup>10</sup>

## 1. O Complexo de Édipo e a origem do social

Realizada esta breve recapitulação sobre o papel da família na estruturação psíquica, podemos agora avançar para a questão central deste trabalho: a relação entre família e política estabelecida pela teoria freudiana. Começaremos uma investigação acerca da obra de 1913, "*Totem e Tabu*". Nessa obra –declaradamente uma das favoritas de Freud–, o autor busca, por meio de suas hipóteses psicanalíticas, lançar luz sobre problemas não resolvidos daquilo que chama de psicologia dos povos, ou ainda, psicologia social. Ao mesmo tempo, enriquece sua teoria metapsicológica com o auxílio da etnologia. A obra é dividida

---

<sup>9</sup> Freud, 1905, p. 220-221.

<sup>10</sup> Freud, 1940, p. 119.

em quatro ensaios: "Horror ao Incesto", "Tabu e Ambivalência Emocional", "Animismo, Magia e a Onipotência dos Pensamentos" e "O Retorno do Totemismo na Infância".

O fato da psicanálise se constituir, tanto prática quanto teoricamente, como um dispositivo de deciframento do material inconsciente é imperioso para a proposta freudiana de utilizá-la como uma nova ferramenta de pesquisa antropológica. Isso significa buscar o significado oculto por trás das práticas culturais, assim como um analista na interpretação dos sonhos de seus pacientes. De maneira semelhante ao trabalho de análise em um adulto (que não carrega conscientemente em sua memória os traços de seus desejos infantis, ainda que esses produzam efeitos incessantemente em sua vida), as investigações sobre as origens primitivas da civilização poderiam nos ajudar, suspeitou Freud, a compreendermos as forças psíquicas ocultas que continuam a influenciar o desenvolvimento de nossa organização psíquica e social.

Em "*Totem e Tabu*", Freud esforça-se, nos três primeiros ensaios da obra, na construção de pontes que liguem os atos mentais da cultura aborígine aos das crianças (tendo como modelo principal a análise do caso "pequeno Hans"<sup>11</sup>) e dos pacientes neuróticos que subsidiavam sua pesquisa psicanalítica. É apenas no último ensaio que o autor propõe o famoso mito de origem da organização social humana, unificando todo o conteúdo apresentado por meio de uma lógica interna da psicanálise, que ilustra a passagem do estado de natureza para a cultura.

Em "O Retorno do Totemismo na Infância", Freud utiliza as contribuições teóricas de Charles Darwin, James Jasper Atkinson e William Robertson Smith para construir a ideia de que os homens primitivos (habitantes de um mundo sem leis) viviam em pequenas hordas lideradas por um macho progenitor, autoritário e ciumento que expulsava seus descendentes, assegurando o controle do grupo e a posse sexual exclusiva das fêmeas. Segundo a hipótese freudiana, esses filhos ostracizados se uniram e retornaram à horda original com o objetivo de realizar o que sozinhos não seriam capazes: assassinar o pai, responsável pela proibição de

---

<sup>11</sup> Sobre o caso Pequeno Hans é importante destacar que Freud não realizou sessões com o menino. Em realidade, auxiliava os pais, de maneira remota, a atuarem no trabalho de análise com a criança.

todos os seus desejos. Dessa forma, a superação desse estado de natureza a partir do parricídio já revela a ambivalência emocional dos filhos que permeia, segundo Freud, todo o desenvolvimento cultural humano. Apesar do ódio violento que culmina no assassinato do pai, eles também o invejam e admiram, foram protegidos por ele e agora desejam ocupar seu lugar.

Posteriormente, para que um ordenamento social de paz comum pudesse ser constituído onde todo irmão tivesse direito à posse sexual das mulheres, institui-se uma lei contra o incesto, ou seja, é excluído desse grupo feminino àquelas pertencentes ao pai morto. O que “*Totem e Tabu*” tenta responder, a partir da psicanálise, é um problema da antropologia oitocentista sobre a coexistência do totemismo como um modelo de organização social (presente nas mais diversas culturas lidas como primitivas) e a exogamia.

A etnologia não havia encontrado uma base segura que justificasse essa vinculação. Não se sabia qual fator surgiu primeiro ou por que essas formas de filiação e proibição marital eram encontradas em todas as regiões do planeta e em diferentes contextos culturais. Não é inesperado que Freud tenha apresentado prontamente o complexo de Édipo como motivo original. O que estaria, então, na base da exogamia totêmica era a repressão de um forte desejo incestuoso presente desde os tempos da horda, traduzido em uma ampliação dessas restrições sociais para todo o grupo. Diante da necessidade de atenuar a culpa filial decorrente do parricídio e evitar um conflito generalizado pela disputa de poder, não haveria outra alternativa senão a instituição de novas leis de ordenamento social que estruturassem uma nova configuração fraterna. A primeira dessas leis – ligada aos motivos emocionais – diz respeito a proibição do assassinato daquele que é o símbolo paterno (o animal totêmico). A segunda lei – ligada a ordenação social – é a de renúncia das relações sexuais com as mulheres outrora pertencentes ao pai, ou seja, a proibição do incesto:

Ao concluir, então, esta investigação excepcionalmente condensada, gostaria de insistir em que o resultado dela mostra que os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo. Isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas



as neuroses, pelo menos até onde vai nosso conhecimento atual. Parece-me ser uma descoberta muito surpreendente que também os problemas psicologia social se mostrem solúveis com base num único ponto concreto: a relação do homem com o pai. É mesmo possível que ainda outro problema psicológico se encaixe nesta mesma conexão. Muitas vezes tive ocasião de assinalar que a ambivalência emocional, no sentido próprio da expressão –ou seja, a existência simultânea de amor e ódio para os mesmos objetos – jaz na raiz de muitas instituições culturais importantes. Não sabemos nada da origem dessa ambivalência. Uma das pressuposições possíveis é que ela seja um fenômeno fundamental de nossa vida emocional. Mas parece-me bastante válido considerar outra possibilidade, ou seja, que originalmente ela não fazia parte de nossa vida emocional, mas foi adquirida pela raça humana em conexão com o complexo-pai, precisamente onde o exame psicanalítico de indivíduos modernos ainda a encontra revelada em toda a sua força.<sup>12</sup>

O estabelecimento do totemismo como um sistema religioso e de ordenamento social representa um pacto com o pai morto. Promete-se a não repetição do crime (respeito pela vida do animal totêmico) e espera-se desse pai simbólico, aquilo que fora um dia função do chefe da horda (proteção e ordem). Assim, Freud propõe que o ponto de partida do desenvolvimento da civilização deriva da posição ambivalente do pai como protetor/castrador e do sentimento filial de culpa e de busca, dos filhos, pela expiação do crime cometido após a identificação com o pai ideal mitológico.

Não é possível realizarmos aqui uma análise detalhada sobre como o argumento freudiano é construído ao longo de toda a obra. No entanto, devemos destacar dois pontos centrais que conferem ao trabalho de 1913 um caráter essencial no estudo psicanalítico e social. O primeiro ponto diz respeito ao vínculo original entre política e família. O segundo ponto está relacionado à revelação de um direito fundamental que precede o contrato social.

Vamos ao primeiro ponto: o ato que funda a civilização é o mesmo que funda a família. Apesar do assassinato original receber o nome de parricídio, o líder da horda só se torna pai após o homicídio, os assassinos se tornam irmãos após o cometimento do crime e as fêmeas transformam-se em mães quando estabelece-se a proibição do incesto na organização social fraterna. Por este motivo, Freud nos

---

<sup>12</sup> Freud, 1913, p.158.



diz que o pai é a-histórico. O pai precisou ser morto para que passássemos ao domínio da cultura, ele situa-se, portanto, fora da história, ainda que seja o ponto de origem ao qual tudo se refere. O pai é mítico, jamais real. Isso ocorre pois é o reconhecimento póstumo da função paterna que o torna pai. Não há relação de parentesco na horda primitiva, há apenas força e dominação sexual. A fraternidade é uma invenção de identidade articulada em torno da impotência dos submissos, do desejo assassino e da admiração comum pelo chefe. É o vínculo libidinal de identidade entre irmãos que origina todo laço social. Ou seja, é a identificação que vem do desejo homicida e do ato subsequente que estabelece tanto a família quanto a ordem política.

Mas o pai, em sua função mítica, é aquele que provoca reverência, terror e amor ao mesmo tempo, o pai é aquele que sufoca, castra e que deve então ser morto ou, no mínimo, vencido; ele é, além disso, o portador e depositário das proibições. Seu assassinato é acompanhado de culpa e veneração. **Não existe jamais o pai real. O pai é sempre um pai morto, e o pai morto é sempre um pai mítico. A partir do momento em que a função paterna é reconhecida, os filhos são oprimidos. Eles estão numa posição de dependência, presos entre o desejo e a identificação. Sem a referência paterna, nenhuma cultura é concebível. O acesso à cultura passa por esta referência. Já aí se delineia a ideia de que a mola da civilização é sempre de essência conflituosa e tem vocação neurótica.**<sup>13</sup>

Após o banquete em que o líder é devorado pelos assassinos, o laço afetivo-social é definitivamente estabelecido. Ao devorarem-no, incorporam as qualidades que invejavam, assumem-se, assim, como semelhantes. Transformam-se em pedaços de um ideal (garantindo a proeminência da figura do pai e eternizando esta imagem idealizada) e tornam-se, finalmente, filhos e humanos<sup>14</sup>.

O segundo ponto, como observado pela filósofa britânica Carole Pateman em sua crítica feminista à teoria liberal do contrato social<sup>15</sup>, refere-se ao fato de que o estado de natureza –caracterizado pelo domínio da força e ausência de leis–

<sup>13</sup> Enriquez, 1990, p. 31-32. Grifo nosso.

<sup>14</sup> Em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, Freud demonstra como não apenas a família e a civilização originam-se do ato parricida, mas também o próprio psiquismo individual. Isto é, não há propriamente o humano fora do desenvolvimento da cultura.

<sup>15</sup> Cf. Pateman, 1993.

já garante um direito fundamental: o direito masculino de posse das mulheres. É para garantir a posse dessas mulheres que o pai expulsa seus filhos, é para conquistar esse mesmo direito que, segundo Freud, os filhos organizam-se e voltam para assassinar o pai. Portanto, a ideia de que a organização social é constituída como um acordo comum feito por indivíduos possuidores de si mesmo –o que, para a teoria política liberal, garante a legitimidade do contrato—<sup>16</sup> só pode ser tida como verdadeira se não considerarmos que mulheres são também sujeitos históricos e políticos, uma vez que sua submissão é o dado comum, medular e insuperado nessa passagem fantástica da natureza para a cultura:

*Totem e Tabu, O Mal-Estar na Civilização, e Moisés e o Monoteísmo* são obras focadas nas sociedades antigas e primitivas, mas na verdade encarnam, de acordo com Carole Pateman, as importantes reflexões de Freud sobre a sociedade moderna. Ele retira da tradição contratualista, argumenta Pateman, os recursos necessários para desenhar sua narrativa e conceitualização. Seu mito político de origem supera outras teorias do contrato social ao revelar o que elas sistematicamente escondem: por detrás do suposto momento fundador da sociedade por um acordo entre iguais, está a subordinação fundamental das mulheres pelos homens. Em outras palavras, o direito sexual masculino precede a igualdade fraterna.<sup>17</sup>

O complexo de Édipo desempenha um papel estruturante tanto do psiquismo, como mencionamos na introdução, quanto da esfera social. O horror ao incesto não apenas estabelece a ordem familiar, mas também fundamenta a possibilidade da experiência civilizatória como um todo. A função paterna descrita por Freud revela que, para a existência do humano e do social, é necessária a instituição de uma instância repressora.

Enquanto o pai vivo, líder da horda, representa a imagem do poder autoritário e da satisfação ilimitada do desejo, o pai morto é a lei, aquilo que se

<sup>16</sup> Cf. Macpherson, 1979.

<sup>17</sup> Brenkman, 1992, p. 926, tradução nossa. Trecho original: “Totem and Taboo, Civilizations and Its Discontents, and Moses and Monotheism focus on ancient and prehistoric societies, but they actually embody, according to Carole Pateman, Freud’s very relevant reflections on modern society. He draws the conceptual and narrative resources of this reflections, Pateman argues, from the tradition of social contract theory. His political fictions of origins surpasses other theories of the social contract by revealing what they systematically hide: namely, that a fundamental subordination of women by men lies behind the supposed founding moment of society in an agreement among equals. Male sex-right, in other words, precedes fraternal equality”.

coloca entre o desejo e sua completa satisfação. Dessa forma, cultura/civilização e repressão tornam-se signos correlatos. Não há cultura sem o pai, pois só há sociedade se houver um sistema coletivo de interdição. Da mesma forma, não há cultura sem família, ou seja, sem um sistema de parentesco que estabelece e organiza alianças e, enquanto instaura o eu/nós, instaura também o outro, para onde a agressividade reprimida após o assassinato é desviada. Isso implica também dizer que a neurose é um subproduto necessário do processo civilizatório. Em Freud, o destino comum possível é a neurose ou a barbárie.

A desarticulação da engenhosa construção freudiana não é uma tarefa fácil. "*Totem e Tabu*" revela, como poucas obras, a potência e as dificuldades de se aplicar a metodologia psicanalítica em estudos sociais. Nesta obra, a tensão acentuada entre mito e ciência nos leva a questionar até que ponto o exercício criativo de uma ficção teórica –como a própria psicanálise foi caracterizada por Freud– orientada pela busca de significados (e sintomas) da ação humana encontra um limite nos dados materiais<sup>18</sup>? Ou ainda, se há benefícios no uso dessa ficcionalização da realidade para a compreensão não apenas de nossa subjetividade, mas também do desenvolvimento histórico da civilização e dos laços sociais humanos, conforme proposto por Freud. Como podemos julgar o valor de uma metáfora tão frutífera quanto metodologicamente problemática?

Em relação a essa utilização da psicanálise como método de pesquisa social, Eugène Enriquez afirma: “Desejamos, não encontrar o ponto alfa a partir do qual tudo se desenvolveria, mas antes o “‘aleph’ isto é, o(s) princípio(s) organizador(es) da vida social.”<sup>19</sup>. Mas aqui precisamos intervir e perguntar, princípio organizador de qual realidade social? Pois se a resposta almejar alguma universalidade, é preciso que façamos alguns questionamentos.

## 2. Uma questão ideológica?

---

<sup>18</sup> Freud concebe uma diferença significativa entre verdade histórica e verdade material. O que concebemos comumente por fatos históricos são categorizados pelo autor como verdades materiais. A verdade histórica freudiana diz respeito aos resíduos materiais psíquicos do passado que, recalcados, acabam por emergir no presente.

<sup>19</sup> Enriquez, 1990, p. 156.

Mark Poster, apesar de reconhecer a imensa contribuição da teoria freudiana, apresenta em seu livro *“Teoria Crítica da Família”*, de 1978, um questionamento que aqui desejamos refazer: onde a ciência da psicanálise se torna ideologia do parentalismo?

Lembremos rapidamente uma característica fundamental da definição marxiana de ideologia: toda ideologia é a apresentação do particular como universal. Isso significa que a pensamento ideológico tende a naturalizar e desconsiderar o processo histórico de formação de ideias, práticas, ordens, instituições, etc.:

Apresenta-se uma determinada sociedade (a burguesa) como se fosse “a” sociedade; uma forma particular de produzir bens (a forma mercantil capitalista) como “a” economia; uma forma particular de família (a família mononuclear burguesa) como “a” família; uma forma particular de Estado, Estado burguês, como uma hipotética esfera ético-política universal, cuja substância são os interesses particulares que constituem a sociedade civil burguesa. No quadro de uma ideologia, os valores são sempre apresentados como universais; precisa ser assim apresentados, mas o que determina sua universalidade não é a validade ou coerência em si mesma deste ou daquele valor, mas da relação concreta da qual ele se origina.<sup>20</sup>

Quando Freud apresenta o complexo de Édipo como matriz estruturante universal da civilização e do psiquismo, não estaria ele obscurecendo toda a particularidade do processo de formação da criança e da família na sociedade burguesa? Por exemplo, um fator determinante para o estabelecimento do complexo de Édipo é a dependência infantil que leva a criança a desenvolver amor absoluto pela mãe e rivalidade com o pai. Para Poster, isso é a consequência de uma realidade de escassez emocional derivada da escassez de objetos de amor e provedores de cuidado típica do lar burguês.

Embora pareça óbvio afirmar que o infante seja dependente e frágil, é válido questionar se não é a própria estruturação de uma família nuclear que cria a dependência infantil como uma característica basilar da psique. É possível afirmar que em sociedades aborígenes, como as estudadas pelo psicanalista (onde

---

<sup>20</sup> Iasi, 2017, p.109.

a função materna e paterna é compartilhada por todos os membros do clã totêmico), a psique é moldada pelo medo da perda de amor? Em outras palavras, o que desejamos questionar é: não seria o complexo de Édipo uma experiência relacionada a uma forma específica de família?

Ao fim e ao cabo, ele defenderá a família burguesa como instituição universal e necessária, converterá seu modelo psicológico num modelo eterno, reduzirá os processos complexos dos sistemas sociais ao seu significado psicológico, e apresentará a sua própria teoria como uma ciência divorciada do campo histórico onde surgiu. Em última instância, a práxis (terapia) que deriva da sua teoria acabará como uma acomodação aos poderes dominantes vigentes, não só aos grupos que dominam a economia e a política, mas também aos grupos que ocupam posições dominantes naqueles lugares onde a psique é constituída, na família onde o homem domina a mulher e, de um modo ainda mais significativo, onde os pais dominam os filhos.

(...) Na verdade, Freud está representando a criança como os pais as veem, somente depois que ela foi constituída por eles como um ser dotado de certas “necessidades”.<sup>21</sup>

Esse questionamento é necessário porque as consequências sociais e políticas do complexo de Édipo não são equivalentes às do tabu do incesto, conforme tratado na obra de 1913. Quando discutimos o complexo de Édipo como ponto origem da civilização, e sua superação parcial como uma etapa necessária no desenvolvimento individual, estamos lidando com padrões inconscientes de comportamento e afetividade. Esses padrões envolvem noções extremamente normativas e poderosas de masculinidade e feminilidade, expressão da sexualidade, divisão sexual do trabalho, valores morais, modelos de autoridade, modelos de propriedade, exercício de poder e dominação, todos centrados em uma noção específica de masculinidade autoritária. Isso gera uma ideia de cultura como repressão, em que a civilização é vista como um mecanismo de interdição dos desejos, em vez de ser considerada como espaço de cuidado e condição necessária para a satisfação da pulsão de vida.

Mas, ao contrário, vemos em Freud a justificativa psíquica para a invenção liberal de um conflito insuperável entre o indivíduo e a sociedade. Toda uma

---

<sup>21</sup> Poster, 1979, p. 24.

estrutura afetiva e política que define a relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros, mesmo que continuamente ensinada e reforçada por vários mecanismos civilizatórios, é gestada dentro da unidade familiar e transmitida desde o primeiro dia de vida da criança. Isso estabelece uma continuidade entre as gerações que vai além de qualquer valor biológico, sendo fundamentalmente uma continuidade psíquica e política.

Outra questão fundamental que surge é: se a masculinidade, central ao complexo de Édipo, é o que gera no indivíduo as noções de autoridade (tanto externa quanto interna) e, conseqüentemente, o exercício do poder político, qual é o espaço atribuído ao que é entendido como qualidades femininas na experiência dos indivíduos na sociedade civil?

Essas conseqüências sociais do complexo de Édipo não são apenas derivadas de nossa interpretação, mas estão presentes quando o autor avança seus estudos sociais. “Em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*” é apresentada a influência desse poder mítico do chefe da horda na formação de grupos, replicando como a força do amor e da identificação que gira em torno do líder autoritário dá forma à comunidade. Ao apresentar a família como uma formação natural humana, decorrente da horda primitiva, reafirma o pai primevo e o complexo de Édipo como princípio ordenador de toda cultura:

Assim, o grupo nos aparece como uma revivescência da horda primeva. Do mesmo modo como o homem primitivo sobrevive potencialmente em cada indivíduo, a horda primeva pode mais uma vez surgir de qualquer reunião fortuita; na medida em que os homens se acham habitualmente sob a influência da formação de grupo, reconhecemos nela a sobrevivência da horda primeva (...) Vimos que, com o exército e a Igreja, esse artifício é a ilusão de que o líder ama todos os indivíduos de modo igual e justo. Mas isso constitui apenas uma remodelação idealística do estado de coisas na horda primeva, onde todos os filhos sabiam que eram igualmente perseguidos pelo pai primevo e o temiam igualmente. Essa mesma remoldagem sobre a qual todos os deveres sociais se erguem, já se acha pressuposta pela forma seguinte da sociedade humana, o clã totêmico. A força indestrutível da família como formação natural de

grupo reside no fato de que essa pressuposição necessária do amor igual do pai pode ter uma aplicação real na família.<sup>22</sup>

Já em “*O Futuro de uma Ilusão*”, Freud apresenta como a civilização lidou com uma suposta necessidade comum da função paterna, oriunda do desamparo, criando formas sociais simbolicamente paternas:

(...) o reconhecimento de que esse desamparo perdura através da vida tornou necessário aferrar-se à existência de um pai, dessa vez, porém, um pai mais poderoso. Assim o governo benevolente de uma providência divina mitiga nosso temor dos perigos da vida; o estabelecimento de uma ordem moral mundial assegura a realização das exigências de justiça, que com tanta frequência permaneceram irrealizadas na civilização. (...) Constitui um alívio enorme para a psique individual se os conflitos de sua infância, que surgem do complexo paterno – conflitos que nunca superou inteiramente –, são dela retirados e levados a uma solução universalmente aceita.<sup>23</sup>

Em “*Moisés e o Monoteísmo*” defende que toda ficção poética dos mitos e das religiões gira em torno do drama familiar originado na horda:

O herói é alguém que teve a coragem de rebelar-se contra o pai e, ao final, sobrepujou-o vitoriosamente. Nosso mito faz essa luta remontar até a pré-história do indivíduo, já que o representa como nascendo contra a vontade do pai e salvo apesar das más intenções paternas. (...) Na verdade, contudo, a fonte de toda ficção poética é aquilo que é conhecido como o ‘romance familiar’ de uma criança, no qual o filho reage a uma modificação em sua relação emocional com os genitores e, em especial, com o pai.<sup>24</sup>

E, por fim, em “*O Mal-Estar na Civilização*”, Freud vincula a ansiedade social e a preponderância do sentimento de culpa em nossa cultura, ao medo de perda de amor gerado ainda na infância com a experiência de castração (etapa que idealmente encerra a dinâmica do complexo de Édipo). Aqui, a família é novamente apresentada como um unidade primeira cuja ordem é replicada em diversas esferas sociais a partir da ambivalência afetiva dos filhos para com seus genitores:

---

<sup>22</sup> Freud, 1921, p. 134-135.

<sup>23</sup> Freud, 1927, p. 39.

<sup>24</sup> Freud, 1939, p.23-24.



Matar o próprio pai ou abster-se de matá-lo não é, realmente, a coisa decisiva. Em ambos os casos, todos estão fadados a sentir culpa, porque o sentimento de culpa é expressão tanto do conflito devido à ambivalência, quanto da eterna luta entre Eros e o instinto de destruição ou morte. Esse conflito é posto em ação tão logo os homens se defrontem com a tarefa de viverem juntos. Enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no complexo edipiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa. Quando se faz uma tentativa para ampliar a comunidade, o mesmo conflito continua sob formas que dependem do passado; é fortalecido e resulta numa intensificação adicional do sentimento de culpa. Visto que a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa. O que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo. Se a civilização constitui o caminho necessário de desenvolvimento, da família à humanidade como um todo, então, em resultado do conflito inato surgido da ambivalência, da eterna luta entre as tendências de amor e de morte, acha-se a ele inextricavelmente ligado um aumento do sentimento de culpa, que talvez atinja alturas que o indivíduo considere difíceis de tolerar.<sup>25</sup>

Ao considerar a família como a unidade básica da experiência humana, Freud projetou sua própria sociedade na análise de outras culturas. Isso resultou em uma inversão da relação entre as formas culturais estudadas e as categorias psicanalíticas. Acreditamos que Freud evitou confrontar suas descobertas com o contexto histórico em que elas estavam inseridas, apresentando os conflitos políticos que observava como elementos inevitáveis em uma estrutura universal e a-histórica:

“O parricídio confere à política”, segundo Schorske, “um status de fenômeno secundário em relação ao conflito primordial entre pai e filho. Freud deu a seus colegas liberais uma teoria a-histórica do homem e da sociedade que torna tolerável um mundo político desordenado e fora de controle”<sup>26</sup>.

Essa inversão na relação entre a verdade psíquica e a realidade material pode ter limitado a compreensão das complexas interações entre estrutura social,

<sup>25</sup> Freud, 1930, p. 135-136.

<sup>26</sup> BRENNKMAN, *Op cit.*, p. 925, tradução nossa. Trecho original: “Patricide replaces politics’, according to Schorske, ‘to an epiphenomenal status in relation to the primal conflict between father

poder, gênero, sexualidade e formação psíquica. É fundamental reconhecer e questionar as suposições culturais e históricas subjacentes às teorias psicanalíticas, a fim de desenvolver uma compreensão mais aprofundada sobre as possibilidades da experiência social humana.

Em realidade, a psicologia social de Freud traça um desenvolvimento cultural que reflete o desenvolvimento libidinal do indivíduo moderno europeu, sua neurose resultante da relação ambivalente com a figura paterna e os mecanismos inconscientes de esquecimento, culpa e retorno sintomático. Embora problemática, essa abordagem pode nos ajudar a compreender os processos psíquicos pelos quais se estabeleceu uma característica presente não apenas em sua teoria, mas também no próprio desenvolvimento das civilizações capitalistas: a centralidade do masculino na esfera pública. Freud pode, portanto, contribuir em nosso entendimento sobre as implicações psíquicas e sociais decorrentes do processo capitalista de produção e reprodução da vida.

Utilizando as contribuições de Freud e Marx, o pensador alemão Robert Kurz<sup>27</sup> chama atenção para o fato de que a masculinidade moderna se tornou o modelo do que é ser um indivíduo potente e autônomo, independentemente do gênero. Esse modo de existência masculina está associado à capacidade de realizar seus desejos, assegurar sua propriedade, prosperar economicamente e impor sua vontade. Por outro lado, o que é entendido como polaridade feminina, caracterizada por uma dinâmica de afeto e cuidado em relação ao outro, fica restrito à esfera privada da família. Isso significa dizer que, mesmo quando os papéis de gênero tornam-se mais diversificados, a esfera pública continua sendo o espaço de manifestação do que é entendido como polaridade masculina, enquanto a esfera privada é vista como o espaço de manifestação do que é feminino.

Pra Kurz, o modelo capitalista reforça uma lógica social de competição e guerra e um modelo de individualidade que situa o medo e agressividade como afetos centrais da vida social. Se o indivíduo potente é aquele movido pela constante busca de satisfação dos próprios desejos, conquista de posses e exercício

---

and son, Freud gave his fellow liberals an a-historical theory of man and society that could make bearable a political world spun out of orbit and beyond control”.

<sup>27</sup> Cf. Kurz, *A lógica da dissociação e a crise da relação entre os sexos*. in: Kurz, 2019, n.p.

ilimitado de seus atributos, a existência do outro representa necessariamente um limite e um risco incessante à sua segurança e autorrealização. Surge, assim, a necessidade constante de defender as fronteiras da própria liberdade. O que se sobressai em termos de propulsão do psiquismo é então a pulsão de aniquilação, antissocial, ou de morte:

No seu âmago, o capitalismo não é outra coisa senão a militarização da reprodução social; e não só pela referência externa às exigências económicas da produção de armas de fogo, que caracterizou os seus primórdios, mas também pela formação quase militar de todo o modo de produção, na forma dos "exércitos do trabalho", na forma da concorrência universal, como uma guerra económica permanente de todos contra todos, etc. Todos os momentos da reprodução e da vida que não se enquadram nestas formas são conotados com o "feminino", dissociados, tornados "não-oficiais", definidos como inferiores e excluídos. O sujeito da mercadoria é, portanto, "masculino" pela sua essência, é um sujeito de violência latente ou manifesta, mesmo que parcialmente inclua mulheres.<sup>28</sup>

## Conclusão

Nos parece que Freud inverte a relação quando tenta derivar certas formas culturais de suas descobertas psicanalíticas. Ele universaliza e naturaliza configurações que são históricas, criando um mito de origem que tem como modelo fundamental a família burguesa, sem considerar o impacto político e subjetivo que outros modelos de família podem ter no desenvolvimento não apenas da personalidade, mas ainda, de outras estruturas psíquicas. Sujeitos que seriam, portanto, movidos por forças profundamente diferentes das que ele encontra em seus pacientes, alterando a trágica dinâmica conflituosa entre indivíduo e sociedade que enxergou como inevitável e o papel estruturante do patriarcado na ordem social.

Ao mesmo tempo, sem nunca ter pretendido uma crítica política contundente, foi capaz demonstrar o profundo impacto que esse modelo nuclear de família e de organização patriarcal da sociedade têm na construção psíquica do sujeito e de todo o adoecimento que decorre dessa ordem. Quando Freud nos escreve que a maior parte do adoecimento neurótico deriva do complexo de Édipo,

---

<sup>28</sup> *Idem.*

ele isola um problema social na dinâmica familiar, evitando analisá-lo como uma questão econômica e política, mas lança luz ao papel da repressão sexual e da divisão sexual do trabalho no adoecimento psíquico dos indivíduos modernos, em especial das mulheres. Ainda que tudo isso permaneça como pano de fundo para a cena edipiana.

Visto isso, cabe a pergunta: como a transformação radical da família pode auxiliar mudanças estruturais tanto em nível psíquico como em nível social? E ainda, como novas práticas de maternidade, paternidade e a própria superação da família nuclear como modelo poderiam impactar os padrões fundamentais de sociabilidade que estão centralizados na carga pulsional de morte, e da relação de Eros com a culpa e o medo da perda do amor da autoridade que caracterizam o mal-estar na cultura? É importante lembrar que esse modelo de família é estruturado dentro de um sistema totalizante. O que está em jogo, então, não é somente a transformação da família, mas de todo um conjunto de estruturas que não só a possibilita, mas a torna instrumento necessário para sua reprodução.

## Referências

AZEVEDO, A. V. de. *A Metáfora Paterna na Psicanálise e na Literatura*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

BEZERRA JUNIOR, B. *Projeto Para uma Psicologia Científica: Freud e as Neurociências*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (Para Ler Freud).

BRENKMAN, J. Family, Community, Polis: the Freudian Structure of Feelings. *New literary history*, nº4, vol 23, p.923-954, 1992.

CASTRO, M. S de. *Entre o conflito psíquico e o político: um estudo sobre a ideia freudiana de desamparo*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023.

DOR, J. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

ENRIQUEZ, E. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social*. Trad. Teresa Cristina Carreteiro e Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FREUD, S. (1895) *Projeto para uma Psicologia Científica*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1905) *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1913) *Totem e Tabu*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1915-1916) *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1921) *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1923) *O Ego e o ID*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1927) *O Futuro de uma Ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1930) *O Mal-Estar na Civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1939) *Moisés e o Monoteísmo*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. (1940 [1938]) *Esboço de Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

IASI, M. L. *Política, Estado e Ideologia na trama conjuntural*. São Paulo: Instituto Caio Prado Jr., 2017

KURZ, R. *A Guerra de Ordenamento Mundial: O Fim da Soberania e as Metamorfoses do Imperialismo na Era da Globalização*. Editora Antígona, (2003) 2019. Disponível no site: <[http://www.obeco-online.org/livro\\_guerra\\_ordenamento.htm](http://www.obeco-online.org/livro_guerra_ordenamento.htm)> Último acesso em: 10/07/2023

LACAN, J. *Os complexos familiares*. 2ª ed. Trad. Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

MACPHERSON, C. B. *A Teoria Política do Individualismo Possessivo: de Hobbes a Locke*. Trad. Nelson Dantas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MIGUEL, F. Carole Pateman e a Crítica Feminista do Contrato. *Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]*, n.93, v. 32. 2016.

PATEMAN, C. *O Contrato Sexual*. Trad. Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

POSTER, M. *Teoria Crítica da Família*. 2<sup>a</sup> ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.